

RITMO E POESIA: JUVENTUDE E PREFERÊNCIA MUSICAL

Cristiano Neves da Rosa

Acadêmico /bolsista PIBIC/ULBRA

Alexandre Bosquetti Kunsler

Acadêmico /bolsista Rede Cedes/ULBRA

José Geraldo Soares Damico

Prof. Adjunto Educação Física/ULBRA – Mestre e Doutorando em Educação
(PPGEDU/UFRGS)

Antônio L. C. Freitas

Prof. Adjunto Educação Física/ULBRA - Mestre
NUPÉ da Cidade - Núcleo de Pesquisa em Pol. Públicas de Esporte e Lazer (CNPq)
Fonte Financiadora: Rede CEDES/ Ministério dos Esportes

RESUMO

O trabalho buscou as relações entre a preferência musical dos jovens e a formação de identidades. Trata-se de um recorte da pesquisa Mapa do Lazer Juvenil de Canoas/RS. Os objetivos foram identificar o papel desempenhado pelo gênero, raça/etnia e faixas etárias jovens na configuração dessa realidade. As informações permitiram criar um banco de dados que foi submetido à análise de frequência através do programa SPSS para o Windows. O estudo apresentou a impossibilidade de estabelecer relações causais entre identidade e gênero, raça/etnia e faixas etária, uma vez que essas relações se dão num processo contínuo de construções culturais.

ABSTRACT

This work searched relations musical preference of the young and the formation of identities. This study that represents a clipping of the Map of the Youthful Leisure of Canoas/RS. As objective we search to identify the role played for the sort, young raça/etnia and age bands in the configuration of this reality. The information had create a data base that submitted to the analysis of frequency statistical program SPSS. The study it presented the impossibility to establish causal relations between identity and age race/ethnic and bands, a time that these relations if give in a continuous process of cultural constructions.

RESUMEN

El trabajo buscó las relaciones entre las preferencias musicales de los jóvenes y la formación de identidades. Se trata de un recorte del Mapa del Ocio Juvenil de la ciudad de Canoas/RS. Los objetivos fueron identificar el rol desarrollado por el género, raza/etnia y edades de los jóvenes en la configuración de esta realidad. Las informaciones permitieron crear un banco de datos que fue sometido al análisis de frecuencia con el programa SPSS. El estudio presentó la imposibilidad de establecer relaciones causales entre identidad y género, raza/etnia y edades, que esas relaciones ocurren en un proceso continuo de construcciones culturales.

INTRODUÇÃO

*Eu só quero é ser feliz
Viver tranquilamente na
Favela que eu nasci...
(Rap da Felicidade)*

O debate acerca das preferências dos/as jovens nas suas experiências de lazer vem crescendo substancialmente, sobretudo nos estudos que buscam articular as questões relacionadas ao universo das juventudes urbanas. O cenário das novas tecnologias da informação, tanto no que se refere às virtualidades digitais quanto ao acesso e contato *on-line* com outras comunidades, tem permitido a parcelas significativas da população juvenil acessar e experimentar uma ampla variedade de estilos e estéticas.

Boa parte dos autores (BOURDIEU, 1983; GROppo, 1999, REGUILLO, 2003) afirmam que a juventude não é mais que uma palavra; desse modo, defini-la como uma categoria social significa recortá-la num tempo e contexto sócio-histórico e cultural. Mannheim (1982) sinaliza que conceituar a juventude dependerá da estrutura social onde está inserida e que, ao tratar de seu significado para a sociedade, é igualmente importante indagar qual é a natureza do potencial que a mocidade representa e quais as formas de integração para transformar essa reserva em função. Isso porque as sociedades estáticas ou de lenta transformação encorajam as novas potencialidades latentes dos/as jovens, confiando, principalmente, na experiência dos/as mais velhos/as. Em contraste, há sociedades dinâmicas que querem uma nova saída – qualquer que seja a fisionomia social ou política, confiarão na cooperação da mocidade.

REZENDE (1989) apud GROppo(2000) sugere o uso sociológico no plural do termo “juventude” para que possamos dar conta da diversidade na vivência dessa fase de transição à maturidade. Isso nos leva a pensar sobre a pluralidade da juventude no contexto sociocultural, pois a juventude pode mudar e/ou acrescentar à sua identidade, de acordo com uma série de fatores, como: pluralidade constituída nas diferentes heranças, experiências, limites e projetos vindos da condição de classe, gênero, etnia, nacionalidade, “desenvolvimento” econômico, condição urbana/rural, religiosidade, vivência sociocultural, etc. (GROppo, 2000).

A vivência dos/as jovens no tempo livre do trabalho e da escola nos possibilita “mapear e analisar os múltiplos pertencimentos de indivíduos e grupos característicos” (VELHO, 2006, p. 193). Estamos nos referindo a questões relativas às formações das identidades. Como possibilidade relativamente aberta de vivência social e como “símbolo”, a juventude moderna deve ser pensada como uma pluralidade de grupos juvenis (GROppo, 2000). O discurso presente principalmente na grande mídia brasileira tem buscado fazer um registro das carências, ausências e faltas que cercam o universo juvenil, acentuando o individualismo, o desinteresse político e religioso, o conflito, criando uma imagem estigmatizada do/da jovem, principalmente aquele/a das grandes periferias urbanas, o que certamente não colabora para um melhor entendimento do tema. Recorremos a uma forma de fazer análise que rompe com o discurso hegemônico, destacando a diversidade que caracteriza a juventude, levantando questões e refletindo a partir de um melhor entendimento das culturas juvenis.

Um exemplo do que pode caracterizar a diversidade nas escolhas das experiências de lazer dessa categoria pode ser a pluralidade de gostos musicais encontrada nesta pesquisa de campo. Isso nos permite relacionar a preferência musical com as diferentes possibilidades de construção das identidades juvenis.

A organização de jovens em torno de expressões relacionadas ao universo musical vem configurando-se como um dos principais componentes dentro do contexto cultural dos/as jovens. Tal fato deve-se, em especial, à possibilidade de a música tocar sentimentos e desejos, por meio de suas letras, ritmos ou movimentos corporais que suscita. Um outro aspecto que parece concorrer para aumentar ainda mais o acesso e, muitas vezes, o protagonismo juvenil no universo musical seriam as questões mercadológicas e tecnológicas: de um lado, temos o crescimento e misturas de gêneros musicais, os programas televisivos e radiofônicos e a exposição de artistas que fazem sucesso como celebridades na mídia, seja no cinema ou na televisão; por outro lado, temos a pirataria de CDs e DVDs, o que, de certa forma, auxilia a baratear e a democratizar a produção musical, juntamente com a maior difusão em novos meios de transmissão. Dentre as novas tecnologias, destaca-se a internet, promovendo um novo ambiente, onde o acesso e captação do material têm características específicas, possibilitando a qualquer pessoa divulgar músicas próprias e coletar material em qualquer parte do mundo, com velocidade e alcance quase ilimitados (como no caso de *sites* como o YOU TUBE, por exemplo, que permitem *downloads*).

Compreender as dinâmicas envolvidas nas opções/preferências dos/das jovens no seu tempo livre é fundamental para que todos – educadores/as, sociedade civil e Estado – possamos efetivar estratégias no sentido de garantir o lazer como um direito social. É visível que a falta de informações mais concretas e individuais sobre a juventude nas práticas de lazer colabora para a ineficácia do poder público no seu papel de pensar intervenções que busquem integrar e atender às diversidades. Este trabalho buscou, a partir da pesquisa Mapa do Lazer Juvenil da Cidade de Canoas/RS, compreender o impacto da preferência de um estilo musical na configuração do lazer de crianças e jovens.

MATERIAL E MÉTODOS

Amostra

A amostra foi composta 2.608 estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas e de escolas privadas que participaram da pesquisa Mapa do Lazer Juvenil¹ da Cidade de Canoas/RS. Sua composição foi realizada a partir da configuração de uma segmentação da amostra que utilizou como critério de inclusão o estilo de música preferido de cada um/a dos/as entrevistados/as. O estilo musical preferido foi aferido a partir de dezesseis sonoridades citadas pelos/as próprios/as estudantes: música gaúcha, pagode, *rap*, *funk*, *heavy metal/punk*, *pop rock*, sertaneja, evangélica, *reggae*, *rock*, *black music*, *dance*, *gospel*, MPB, axé e todas. Entendemos que essa dinâmica fideliza as reais possibilidades de aparecimento das opções, já que não foram predeterminadas, e sim estabelecidas pelos/as próprios/as entrevistados/as.

As idades dos sujeitos estão compreendidas entre 10 e 24 anos. Destes, 67,6% pertencem à raça branca (n = 1174), e 32,4 %, à raça negra (n= 834). As estudantes do sexo

¹ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Luterana do Brasil e seguiu as orientações previstas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

feminino correspondem a 55,82 % do total da amostra, e os estudantes do sexo masculino, a 44,18 %. Realizamos uma segmentação da amostra, dividida entre mais jovens, de 11 a 14 anos, que representam 75% amostra, e os/as jovens acima de 14 anos, que representam 25%. O estudo caracteriza-se por ser do tipo exploratório. O objetivo principal foi verificar qual o estilo musical preferido dos/as estudantes entrevistados/as e sua relação na organização das atividades de lazer. Como objetivo específico, buscou-se identificar o papel do gênero, da raça e da faixa etária nos cinco estilos musicais predominantes nas escolhas dos/as jovens.

Participaram do inquérito os/as alunos/as que compuseram as turmas selecionadas e que compareceram à aula no dia em que o questionário foi aplicado, no mês de novembro de 2006, nos turnos da manhã e da tarde. O estudo foi aplicado simultaneamente em todas as escolas que participaram da amostra durante a segunda-feira.

A amostra do Mapa do Lazer Juvenil da Cidade de Canoas/RS caracteriza-se por ser de estágios múltiplos e foi organizada a partir de quatro estratégias. Na primeira, procuramos garantir a mesma representatividade de alunos/as de escolas públicas e privadas. Na segunda, garantir a representatividade populacional das regiões da cidade. Na terceira, houve o sorteio das escolas que deveriam participar da amostragem, tendo-se como referência que cada uma disporia de três turmas, no caso das escolas de ensino fundamental, e de três turmas nas de ensino médio. Por último, em cada escola sorteada, foi feito um segundo sorteio para selecionar as turmas participantes da amostra. Para as escolas de ensino fundamental, foi realizado o sorteio de uma turma de cada um dos três anos finais: sexta, sétima e oitava séries. Para o ensino médio, uma turma de cada uma das séries.

Instrumentos

O instrumento base para a realização deste recorte foi o inquérito Mapa do Lazer Juvenil. Esse instrumento é um questionário semi-estruturado composto por oito eixos temáticos: a) caracterização do/a jovem (idade, sexo, raça, filiação, tipo de escola, série, bairro, religião); b) materiais para uso no lazer; c) trabalho; d) prática de atividades no turno inverso; e) atividade de lazer mais importante realizada no último final de semana: sábado à tarde (ST), sábado à noite (SN), domingo pela manhã (DM), domingo à tarde (DT) e domingo à noite (DN). O sábado pela manhã não compõe o espectro de análise porque é utilizado pelas escolas, muitas vezes, para garantir os dias letivos; f) avaliação da infra-estrutura do bairro onde o/a jovem reside; g) obrigações com tarefas domésticas; h) vulnerabilidade social dos/as estudantes (gravidez, AIDS, droga e violência).

Procedimentos estatísticos

As informações obtidas permitiram a criação de um banco de dados, que foi submetido à análise de frequência através do programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) para Windows, versão 11. Para verificar as frequências predominantes, utilizou-se a análise estatística percentual.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo central do estudo foi verificar quais os estilos musicais preferidos pelos/as jovens de Canoas/RS e suas possíveis implicações na constituição das identidades juvenis. A primeira observação que devemos fazer diz respeito às características dessas escolhas. De forma alguma, cada um dos grupos pode ser tomado como um todo homogêneo. Sua configuração em termos de gênero, raça, faixa etária, apesar de apresentar certa preponderância em alguns casos, não nos permite atropelar a realidade e estabelecer uma

identidade central, totalizadora. Nesse sentido, a caracterização das opções de lazer com relação às preferências musicais em função dos grupos deve ser feita de uma forma bastante restritiva.

Tabela 1: Gosto musical relacionado à raça/etnia

Gosto Musical	Raça/etnia	
	Branços	Negros
Funk	17%	21%
Rock	18,4%	13,3%
Pagode	12,7%	17,2%
Pop Rock	10,1%	10,4%
Rap	9,4%	10,9%
Outros estilos somados	32,4%	27,2%
Total	100%	100%

Os dados encontrados na Tabela 1 demonstram não ser possível construir uma identidade unificada e hermética; caso contrário, como explicaríamos que o grupo que tem suas preferências musicais relacionadas aos estilos musicais de raiz afro, do tipo *black (rap, funk, pagode)*, não apresentam diferenças estatísticas importantes entre os/as estudantes que se declaram brancos e os/as estudantes que se declaram negros/as?

O rap (*rhythm and poetry*) tem raízes históricas numa sociedade onde a raça negra e pobre foi estigmatizada, sendo-lhe atribuída a condição de inferioridade e exploração; com isso, manifestou-se o embrião reivindicatório da música negra de protesto, o que nos leva até o período colonial norte-americano (SPOSITO, 1994) e, posteriormente, à sociedade moderna americana da década de 60, com nova configuração e simbologia diferenciada, caracterizando-se como *rap* (OLIVEIRA, 2004). No Brasil, assim como nos EUA, o desenvolvimento da música *rap* ocorre no contexto do movimento *hip hop*. Entretanto, o Brasil registra diferenças nas suas influências, determinando uma linguagem e sonoridade nacional, com incorporação de ritmos e linguagens regionais, como o repente no nordeste e a trova no sul (SPOSITO, 1994). O fortalecimento do *rap* americano e brasileiro como representação cultural e musical não extinguiu as outras formas de musicalidade existentes entre os negros. Esses dados nos permitiriam simplesmente afirmar como sendo uma música identificada com negros pobres. No entanto, chamou atenção o fato de a música *rap* ter sido citada por 9,4% de brancos e 10,9% de negros. A assimilação de elementos da cultura negra pelos grupos não-negros da sociedade brasileira permitiu certo afrouxamento dos limites culturais entre brancos e negros. Esse fator tem sido decisivo para a construção de uma cultura musical democrática (SANTOS et al, 2006).

Nas palavras de José Machado Pais (2006):

O rap cultiva uma sensibilidade justiceira, ao denunciar situações de injustiça, para anunciar outros futuros. As palavras soletradas são recuperadas de uma semiótica de rua, transgressiva por natureza, palavras encalvadas em palavrões para melhor insultar, atingir, provocar. Palavras que são da voz da consciência, que se vestem de queixumes, que se revestem de revolta. Voz singular [a de vocalista]

que contagia, que se transforma num coletivo [nós os do movimento] que se insurge contra eles [que não nos entendem] (p.13).

É provável que tais características citadas pelo autor acima possam contribuir para que jovens de ambas as raças/etnias assumam essa preferência, pelos sentidos presentes nos gritos de protesto, de justiça e de transgressão, sem esquecer elementos reunidos historicamente. Aliado a um ritmo dançante, o *rap* traz os elementos da sensualidade e da sexualidade, que, em tempos de presença constante da retórica do risco, surgem para talvez reavivar os prazeres e os encontros.

O pagode, entendido hoje como forte registro musical negro, reposiciona o samba, influenciado por novas vertentes com ritmos “swingados”. Isso demonstra a tendência contemporânea de intensa criação de novos estilos sonoros com base na musicalidade tradicional das regiões do Brasil, dentro de uma configuração em que as adaptações atraem um novo tipo de público, identificado com a cultura *pop*. Com relação a esse fenômeno, podemos localizar o *pop rock*, a *tchê music*, a *axé music*, etc. Quanto ao pagode, os resultados apontam para uma superioridade de escolha entre a raça/etnia negra (17,2%) em relação à raça/etnia branca (12,7%).

O *rock*, no Brasil, não registra a mesma origem do som criado nos EUA, oriundo do *jazz* e do *blues*. O *rock* americano tem profundas raízes negras; já as adaptações brasileiras mostram uma configuração diferente, acompanhando a evolução da efervescente musicalidade nacional. Alguns dos momentos essenciais para o desenvolvimento foram os movimentos da “Jovem Guarda” e da “Tropicália”. No Brasil, o caráter racial evidencia uma maior participação da raça/etnia branca nas transformações do estilo musical. O desenvolvimento do *rock* nacional desencadeou um contra-movimento de valorização da cultura nacional, em que principalmente a MPB e os movimentos musicais regionais, como no Rio Grande do Sul, encamparam a idéia do fortalecimento das sonoridades brasileiras. A popularidade do *rock* surge na medida em que se ampliam os festivais, porém isso não atinge as camadas mais populares, com maior presença da raça negra e mais mobilização na construção do samba e de suas manifestações, como nas escolas carnavalescas. O recorte da raça/etnia demonstra uma predominância dos brancos (18,4%) em relação aos negros (13,3%) na preferência pelo *rock*.

Tabela 2: Gosto musical relacionado ao gênero

Gosto Musical	Gênero	
	Masculino	Feminino
Funk	11,9%	24,1%
Rock	23,1%	11,2%
Pagode	11,1%	16,7%
Pop Rock	8,1%	11,7%
Rap	14,3%	5,9%
Outros estilos somados	31,5%	14,6%
Total	100%	100%

Nossa amostra aponta que 24,1% das meninas e 11,9% dos meninos elegeram o *funk* como estilo musical preferido. Este dado nos permite refletir, numa perspectiva essencialista, que a partir da relação que a mulher tem com o seu corpo, supondo a feminilidade a partir da dança e do gesto corporal, que o *funk* teria uma característica mais

dançante. No entanto, em nossa perspectiva, tal preferência pode estar muito mais atrelada a uma postura de empoderamento por parte das jovens, uma vez que boa parte das letras explicita atributos e qualidades que até então eram exaltados numa lógica sexista favorável obviamente aos homens e que passam a ser assumidos e expressados como qualidades suas. Expressões como “cachorras”, “tigronas” e “tiazinhas” foram incorporadas ao vocabulário jovem como símbolo de emancipação sexual. Mesmo que, numa análise mais sofisticada, possamos encontrar elementos que contradigam essa posição, o fato de essas expressões serem assumidas e repetidas pela voz das mulheres jovens permite uma operação de performatividade do texto original (DERRIDA, 2004).

No caso do gênero, as meninas correspondem a 5,9% dos que preferem *rap*, enquanto os meninos perfazem 14,3%. Nesse caso, parece que o gosto preferencial pelo *rap* está muito mais associado aos meninos do que às meninas. Talvez tal situação tenha relação com a pequena incorporação da presença feminina ao movimento *hip hop*.

(...) há uma relação de poder que estabelece graus de dominação/autoridade e subordinação/marginalização, entre os diversos tipos de masculinidade, dependendo da posição em que o indivíduo ocupa em relação aos outros. Em outras palavras, ser mais ou menos masculino está ligado com o poder – simbólico ou material – que um grupo ou indivíduo possui em relação a outros grupos ou indivíduos (PACHECO, 2006, p.6).

Essa secundarização parece estar atrelada, ainda, à dominação masculina nos discursos e formas de expressão desse ritmo, embora pouco a pouco venha demonstrando uma maior participação das mulheres. Diferentes estudos têm mostrado que poucas mulheres fazem parte do movimento *hip hop*, seja criando *rap*, desenhando grafite ou dançando *break*; porém esses mesmos estudos justificam a disputa que muitas mulheres jovens vêm empreendendo, criando espaços para negociações que aumentem a sua visibilidade.

Tabela 3: Gosto musical relacionado à faixa etária

Gosto Musical	11 a 14 anos	Mais de 14 anos
Funk	24,9%	11,7%
Rock	14,8%	18,7%
Pagode	12,6%	15,8%
Pop Rock	12,5%	7,3%
Rap	9,9%	9,5%
Outros estilos somados	15,9%	37%
Total	100%	100%

No que diz respeito à divisão entre crianças e jovens, o gosto pelo *funk* prevalece com entre os/as mais jovens (24,9%), enquanto que os acima de 14 anos aparecem com 11,7%. Nesse caso, sugere-se que a predominância desse estilo musical entre os/as mais jovens pode ser atribuída a um processo de erotização da infância. De acordo com Jane Felipe:

Os corpos vêm sendo instigados a uma crescente erotização, amplamente veiculada através da TV, do cinema, da música, dos

jornais, das revistas, das propagandas, outdoors e, mais recentemente, a internet, tem sido possível vivenciar novas modalidades de exploração dos corpos e da sexualidade. Tal processo de erotização tem produzido efeitos significativos na construção das identidades (2003, p.56).

É nesse sentido que podemos afirmar que as representações de corpo e de sexualidade veiculadas por diferentes instâncias da cultura não só têm subjetivado adultos, como também têm atuado minuciosamente para a formação das identidades infantis e juvenis (FELIPE, 2003).

Na Tabela 3, podemos perceber que o *rock* tem um papel destacado nas escolhas musicais dos/as jovens. Esse gênero tem ultrapassado gerações e se perpetuado como um estilo jovem. Por outro lado, há uma mudança importante a ser destacada, ou seja, nos grandes concertos de *rock*, ocorre uma verdadeira ampliação do conceito de juventude, muito além das faixas etárias, misturando jovens de 13 anos com pessoas de 70 anos ou mais. Segundo Hermano Vianna:

Essa ‘promiscuidade’ intergeracional cria dificuldades, que em outras épocas eram menos claras, mas não inexistentes, para se tentar identificar os jovens a partir de determinados padrões de consumo [por exemplo: o consumo de rock], ou pelo pertencimento a determinados grupos [o rock como a nossa música detestada pelos nosso país] (2003, p. 9).

O *pop rock*, entendido como subdivisão do *rock*, tem sido visto como uma versão mais popularizada, atingindo um público antes não alcançado por sua matriz. Depois de cinco décadas, os ecos dessa explosão musical continuam martelando nossos ouvidos. Resistiu ao tempo e as imposições da ditadura de modismos, do consumismo descartável. Sobreviveu aos novos usos da tecnologia do som, sintetizadores, *samplers* e transformadores de voz. O *pop rock* parece estar mais próximo de outros estilos musicais que vivem em processo de recomposição e de fusão com outros gêneros

Na verdade, o rock vive uma era de vigor. Está mais vivo do que nunca. Talvez nunca deixe de estar, enquanto se lembrar da fórmula mágica da perpétua transformação. *We Love The Rock!*

Tabela 4 – Gosto Musical por Regiões

Gosto Musical	Bairros	
	Zonas Centrais	Zonas Periféricas
	Funk	38,1
Rock	18,7	32,1
Pagode	14,9	24,1
Pop Rock	11,6	15,8
Rap	13,7	8,8

Outros	3,0	3,1
---------------	-----	-----

Na tabela 4, incorporamos a nossa análise a dimensão das relações sócio-espacial entre centro e periferia, o que permite, que possamos analisar que as formações das identidades juvenis, no que se refere ao gosto musical, não é uniformemente constituída.

Neste sentido, chama atenção, que nas zonas centrais o *funk* prevalece como o gênero preferencial com 38,1%, enquanto que nas zonas periféricas o *rock* se reverte como principal estilo musical com 32,1%. O pagode com 24,1% e o *pop rock* com 15,8% mesmo de maneira mais equilibrada constituem-se como mais preponderante entre as camadas mais pobres e que moram nas zonas mais periféricas.

Podemos afirmar, que esses resultados, se aproximam muito daqueles apresentados pela pesquisa Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo (2003), tal fato se deve a que determinadas práticas de lazer, “por estarem relacionadas a fatores socioeconômicos e a oferta de serviços – como bares e boates – se distribuem desigualmente pela cidade” (p.94).

O exemplo do *funk* é emblemático, na medida, que, ele inicia e se alavanca desde a periferia, mas vem crescendo e sendo absorvido cada vez mais por parte dos/das jovens que vivem nas regiões mais centrais.

CONCLUSÃO

Os dados apresentados evidenciam, como sugerido por Hall (1999, p.36), que: “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. A identidade seria pluridimensional, flutuante e sincrética, como sugere Denys (1996), na manifestação das identidades múltiplas.

Outra relação aparentemente nos leva a vincular o *funk* e o pagode com a raça negra, pois esses dois estilos musicais tiveram origem nos guetos populares e têm em seu processo de desenvolvimento um histórico de marginalização. Herschmann (2000) sinaliza o *funk* brasileiro como proveniente do movimento *hip hop* americano, destacando-se um lado mais dançante. O ritmo teria encontrado terreno fértil para seu desenvolvimento no Rio de Janeiro, diferenciando-se das referências políticas raciais e culturais dos negros americanos adotadas em São Paulo.

Para finalizar, cabe lembrar que, em 2006, chamou a atenção da mídia um fato ocorrido na frente de uma das escolas mais tradicionais de Porto Alegre, o Colégio Júlio de Castilhos. Foi registrada uma briga na frente da escola, envolvendo “gangues” de alunos que se identificavam com gostos musicais diferentes. Os grupos foram identificados como pagodeiros e funqueiros contra roqueiros. A abordagem desenvolvida pela mídia local restringiu-se a relembrar a história do colégio como celeiro de intelectuais e políticos que teria se tornado, na atualidade, mais um local onde a violência se manifestava por meio de jovens inconseqüentes. Essa análise apressada da opinião pública mais uma vez posiciona o/a jovem num caráter simplista do conflito, não abordando questões mais complexas para a compreensão dos desenvolvimentos das relações entre jovens, inclusive para que possamos pensar na politização de aspectos de sua cultura. Investigações etnográficas deveriam ser propostas, com o intuito de buscar compreender certos processos de mudança que estão ocorrendo em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- BOUSQUAT, Aylene; COHN, Amélia. A construção do Mapa da Juventude de São Paulo,. Lua Nova., São Paulo, n. 60, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 30 Abril 2007. Pré-publicação.
- BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- DENYS, C. La notion de culture dans les sciences sociales. Paris: Edition La Découverte, 1996.
- FELIPE, J. Erotização dos corpos infantis. In: Louro, Neckel, Goellner. Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação, Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p.56.
- DERRIDA, J. De que amanhã...Diálogo. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- GROPPO, L. A. Juventude. Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas. São Paulo: Difel, 2000.
- GROPPO, L. A. A emergência da juventude e do lazer como categorias socioculturais da modernidade. Licere, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, 1999, p. 75.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HERSCHMANN, M. O *funk* e o *hip hop* invadem a cena, Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2000, p.25.
- MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. BRITTO, Sulamita. Sociologia da Juventude I da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 69-94.
- OLIVEIRA, P. Hip hop na perspectiva dos movimentos sociais: Práticas Corporais, Florianópolis: Blumenau Ciência & Arte, v.4, 2006, p.64.
- PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. Culturas jovens: Novos mapas do afeto, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p.13.
- REZENDE, C. B. Identidade: O que é ser jovem?, Revista Tempo e Presença, n.240, CEDI, 1989, p. 4-5.
- REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. In: *Cultura, culturas e educação*. Revista Brasileira de Educação. N° 23, Mai/Jun/Jul/Ago, 2003.
- SANTOS, E. S. Pensando o lazer a partir da perspectiva étnica, Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.2, n.2, julho/dezembro, 2006, p.50.
- SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade, Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1993, p.169.
- VIANNA, H. Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais, Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2003, p.25.
- VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. Culturas jovens: Novos mapas do afeto, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p.193.
- http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/L/Leonardo_Turchi_Pacheco_01.pdf.

Cristiano Neves da Rosa

End: Rua Piauí, 261, Bairro Niterói/ Canoas/RS. Cep: 92130240

E-MAIL: cristneves_rs@yahoo.com.br